

VIC JAMES

A GAIOLA  
DOURADA

*Tradução*

Maryanne Linz

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

J29g James, Vic  
A gaiola dourada / Vic James; tradução de Maryanne Linz. –  
1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.  
(Os dons sombrios)

Tradução de: Gilded cage  
ISBN 978-85-01-11399-3

1. Ficção inglesa. I. Linz, Maryanne. II. Título. III. Série.

17-46812

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:  
*Gilded cage*

Copyright © Vic James Ltd., 2018

Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.  
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil  
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-11399-3

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



## *Sumário*

---

<b>Prólogo</b>	Leah	09
	Um Luke	15
	Dois Silyen	30
	Três Abi	42
	Quatro Luke	54
	Cinco Bouda	68
	Seis Luke	82
	Sete Abi	96
	Oito Luke	110
	Nove Abi	124
	Dez Euterpe	138
	Onze Gavar	155
	Doze Luke	169
	Treze Bouda	184
	Quatorze Luke	197

Quinze Abi	212
Dezesseis Luke	226
Dezessete Luke	240
Dezoito Abi	253
Dezenove Gavar	267
Vinte Luke	283
Vinte e um Abi	299
Vinte e dois Luke	311
Epílogo Abi	327

## *Prólogo*

---

### Leah

Primeiro ela escutou a moto, depois o galope de um cavalo, dois pontos distantes de barulho na escuridão, convergindo até ela enquanto corria.

Exceto pelas botas batendo no chão, Leah não emitia som, nem a bebê que ela mantinha bem próxima ao corpo. Mas quem as perseguia não precisava ouvi-las para encontrá-las. O único lugar para onde ela podia correr era o muro que cercava Kyneston, e a única esperança de fuga quando ela o alcançasse era a criança embrulhada em seus braços, sua filha Libby.

A lua surgia e se escondia por entre nuvens altas e rápidas, mas o brilho vago do muro se refletia de forma constante no horizonte. Era como um feixe de luz do corredor entrando por debaixo da porta do quarto, confortando as crianças que acordavam de pesadelos.

Era nisso que sua vida em Kyneston tinha se transformado: um pesadelo? Houve um tempo em que parecia preencher todos os seus sonhos.

O ruído do motor da moto agora estava mais próximo, e os cascos batendo tinham ficado para trás. Os perseguidores só podiam ser Gavar e Jenner. Ambos estavam bem mais à esquerda, rumando em uma linha que levava direto a ela. Mas Leah alcançara o muro primeiro.

Recostou contra ele em busca de um momento de alívio. Repousou uma das mãos nas pedras antigas enquanto respirava fundo.

O muro estava gelado e escorregadio, coberto de limo, contrastava com a falsa ideia de calor dos tijolos. Mas esse era o poder da Habilidade. Não havia nada de natural naquele lugar ou nas pessoas que moravam ali.

Hora de ir.

— Por favor, meu amor. Por favor — sussurrou Leah para a filha, afastando a ponta do cobertor que ela mesma havia tricotado, e beijando a cabeça sedosa de Libby.

A bebê se agitou quando Leah desenroscou gentilmente um dos braços e pegou sua mãozinha. Com o peito ofegando, tanto de terror quanto pelo esforço, Leah se inclinou no muro e apertou a palma da bebê contra ele.

No lugar onde os dedos minúsculos tocaram o tijolo gasto pelo tempo, uma enorme e intensa claridade se manifestou. Leah viu a luminescência se espalhar em círculos pela argamassa entre os tijolos. Era fraca, mas ainda assim visível. E — lá estava! — a luz saltou e subiu pelo muro, tornando-se mais forte, vigorosa, penetrante. Até que assumiu contornos: na vertical, depois um arco. O portal.

Da escuridão veio um rosnado mecânico. O motor da moto engasgando. Morrendo.

Depois outro som mais próximo irrompeu na noite: um bater de palmas vagaroso. Leah recuou, como se tivesse levado um tapa.

Alguém a aguardava ali. E, quando a figura alta e esguia apareceu na luz transbordante, ela viu que, é claro, era ele. Silyen. O mais novo dos três irmãos Jardine, mas não o último. Ele os levara a Kyneston, todos cumprindo seus dias de escravo, e era sua Habilidade que os mantinha ali na propriedade da família. Como Leah podia ter imaginado que ele a deixaria escapar?

O aplauso lento parou. Uma das mãos estreitas e de unhas roídas do garoto fez um gesto para a estrutura de ferro arqueada.

— Fique à vontade — comentou Silyen, como se convidasse mãe e filha para um chá. — Não tentarei impedi-la. Na verdade, estou

bem ansioso para ver do que a pequena Libby é capaz. Você sabe que tenho... certas teorias.

O coração de Leah batia com força. Ele era o último dos três em quem confiaria. Realmente o último. Ainda assim, ela precisava aceitar a chance, mesmo que não passasse de um gato que, por um instante, levanta a pata de cima do rato.

Ela lhe estudou o rosto, como se o luar e a luz da Habilidade pudessem revelar a verdade em suas intenções. E, quando Silyen a olhou nos olhos, talvez pela primeira vez, Leah achou ter percebido algo. Era curiosidade? Ele queria ver se Libby conseguia abrir o portal. Se fosse capaz, talvez ele as deixasse cruzá-lo. Puramente pela satisfação de ver aquilo, e talvez apenas para magoar o irmão mais velho.

— Obrigada — respondeu ela, em um quase sussurro. — *Sapere aude?*

— “Ouse saber” de fato. Se você ousar, vou saber.

Silyen sorriu. Leah já era escaldada para confundir aquilo com compaixão ou bondade.

Ela deu um passo à frente e apertou a mão de Libby no portal cujo contorno levemente se via, e sob os dedos grudentos da bebê, ele ficou em chamas. Como metal fundido transbordando de um molde, ele ganhou vida e reluziu: uma eflorescência de ferro ornamental, folhas e pássaros fantásticos, com o “P” e o “J” entrelaçados por cima de tudo. Estava exatamente igual àquele dia, quatro anos antes, quando Leah chegou a Kyneston e o portal se abriu para recebê-la. Sem dúvida, exatamente igual a como era centenas de anos antes, quando foi criado.

Mas o portal permaneceu fechado. Em desespero, Leah agarrou uma das vinhas em ferro forjado e puxou com toda a força. Libby começou a chorar alto. Mas a barulheira já não importava, pensou Leah, com um desespero embotado. Elas não deixariam a propriedade de Kyneston naquela noite.

— Ah, que interessante — murmurou Silyen. — Sua filha, ou melhor, a filha de meu irmão tem a linhagem para despertar o portal,

mas não a Habilidade para controlá-lo. A não ser, talvez, que ela não queira deixar a família.

— Você não é parente de Libby — rebateu Leah, levada à fúria pelo medo, apertando ainda mais a filha. Seus dedos ficaram rígidos de lutar com o metal duro. — Nem Gavar, nenhum de voc...

Um tiro ecoou, e Leah caiu no chão, gritando. A dor correu por seu corpo tão rápida e clara quanto a luz que vinha do portal.

Lentamente, Gavar veio em sua direção e ficou parado onde ela estava caída, lágrimas escorrendo dos olhos. Leah já tinha amado esse homem: o herdeiro de Kyneston, pai de Libby. A arma estava em sua mão.

— Eu te avisei — declarou Gavar Jardine. — Ninguém rouba o que é meu.

Leah não olhou para ele. Em vez disso virou a cabeça, descansando a bochecha contra o chão frio, e fixou o olhar no volume envolto em cobertor a alguns centímetros de distância. Libby berrava de dor e ultraje. O coração de Leah ansiava por tocar e acalmar a filha, mas, por alguma razão, seu braço já não tinha a força para se estender, mesmo naquela curta distância.

Cascos pararam ali perto. Um cavalo relinchou, e dois calcanhares bateram no chão. E, então, surgiu Jenner, o irmão do meio. O único que até podia ter boas intenções, mas sem poder para agir.

— O que está fazendo, Gavar? — gritou ele. — Ela não é um animal qualquer no qual você pode simplesmente atirar. Ela está ferida?

Como se em resposta, Leah deixou escapar um som agudo, que morreu em um suspiro sem ar. Jenner correu para se ajoelhar a seu lado, e Leah sentiu quando ele enxugou as lágrimas de seus olhos, os dedos lhe passando delicadamente pelo rosto.

— Sinto muito — disse ele. — Muito mesmo.

Na escuridão que se acumulava ao redor da jovem, a qual o portal brilhante não ajudou a dispersar, ela viu Gavar guardar a arma por baixo do casaco antes de se abaixar e pegar a filha.



Silyen passou por eles em direção à casa principal. Enquanto ele seguia, Gavar deu as costas e se curvou sobre Libby de forma protetora. Leah só podia esperar que ele fosse um pai mais amável do que fora um namorado.

— Silyen! — Leah escutou Jenner chamar. Ele soava distante, como se estivesse no território de Kyneston, chamando do outro lado do lago, embora ainda conseguisse sentir sua palma lhe afagando o rosto. — Silyen, espere! Você não pode fazer algo?

— Você sabe como funciona. — Veio a resposta, tão fraca que Leah se perguntou se a imaginara. — Ninguém pode trazer os mortos de volta. Nem mesmo eu.

— Ela não está...

Mas talvez Jenner tenha ido embora. E Gavar com certeza acalmara Libby. E o portal deve ter desaparecido, a luz da Habilidade extinta, porque tudo ficou silencioso e escuro.

# I

---

## Luke

Era um fim de semana de calor fora do comum em meados de junho, e o suor se acumulava na coluna de Luke Hadley, deitado de bruços sobre um cobertor no jardim da frente. Encarando uma porção de livros escolares com o olhar vazio. A gritaria o deixava distraído, e ela já acontecia havia um tempo.

Se fosse Abigail tentando revisar as matérias, Daisy e suas colegas jamais teriam conseguido permissão de fazer uma bagunça daquelas. Mas a mãe inexplicavelmente entrara na pilha para o aniversário de Daisy, que se transformara na festa do século. A irmãzinha de Luke e as amigas corriam em círculos atrás da casa, gritando no máximo de suas vozes enquanto alguma boyband imperdoavelmente horrorosa de c-pop reverberava alto pela janela da sala.

Luke enfiou os protetores de ouvido até onde podia sem romper os tímpanos, e aumentou o volume da própria música. Não funcionou. A batida grudenta de “Panda feliz” era acompanhada pelos vocais delirantes de meninas de 10 anos massacrando o idioma chinês. Gemendo, ele deixou o rosto cair nos livros espalhados pela grama à frente. Sabia quem culpar quando não passasse em História e Cidadania.

A seu lado, com as provas feitas há muito tempo, Abi estava perdida em um de seus romances *trash* preferidos. Luke olhou de soslaio e se encolheu com o título: *A escrava de seu mestre*. Ela estava quase no fim

e já tinha engatilhado outro livro de capa horrorosa em tom pastel. *A tentação do herdeiro*. Ele não conseguia conceber como alguém tão inteligente como a irmã mais velha podia ler essas porcarias.

Ainda assim, ao menos aquilo a mantinha distraída. De um jeito que não era característico, Abi não tinha importunado Luke nem uma vez por causa da revisão, apesar de essas provas semestrais serem as mais importantes até o fim da escola, dois anos mais tarde. Ele se voltou novamente para o simulado. As palavras giravam diante de seus olhos.

*Descreva a Revolução Igual de 1642 e explique como ela levou ao Tratado dos Dias de Escravo. Analise o papel de (i) Charles I, o Último Rei, (ii) Lycus Parva, o Regicida, e (iii) Cadmus Parva-Jardine, o Coração-Puro.*

Luke resmungou com desgosto e rolou de barriga para cima. Esses nomes idiotas dos Iguais pareciam feitos para confundir. E quem realmente se importava por que os dias de escravo haviam começado, centenas de anos antes? Só importava o fato de que nunca chegaram ao fim. Todos na Grã-Bretanha, exceto os Iguais — os aristocratas com Habilidade —, ainda tinham de ceder uma década de suas vidas. Esses anos eram passados em confinamento, em uma das horríveis cidades de escravos à margem de cada cidade principal, sem pagamento e sem folga.

Luke percebeu um movimento com a visão periférica e se sentou, pressentindo distração. Um desconhecido subira pela entrada de carros e estava espiando pelas janelas do carro do pai. Isso não era incomum. Luke se levantou e foi até lá.

— Incrível, né? — disse ele ao sujeito. — É um Austin-Healey com mais de cinquenta anos. Meu pai restaurou. Ele é mecânico. Mas eu ajudei. Levamos mais de um ano. Hoje, provavelmente eu conseguiria fazer quase tudo sozinho, ele me ensinou muito.

— Verdade? Bem, imagino que vá ficar com pena de vê-lo indo embora então.

— Ir embora? — Luke estava confuso. — Ele não vai a lugar algum.

— Ahn? Mas esse é o endereço no anúncio.

— Posso ajudar? — Abi surgiu por trás do ombro de Luke e o empurrou gentilmente. — Volte para sua revisão, irmãozinho. Eu cuido disso.

Luke estava prestes a dizer a ela para não se incomodar e que o homem tinha se enganado quando uma debandada de garotinhas se lançou ao redor da casa e veio como um raio em sua direção.

— Daisy! — repreendeu Abi. — Vocês não têm permissão de brincar na parte da frente. Não quero ninguém correndo para a rua e sendo atropelado.

Daisy acelerou para se juntar a eles. Ela usava um grande emblema laranja com um “10” brilhante e uma faixa cruzada no peito ostentando as palavras “Aniversariante”.

— Sério! — Daisy cruzou os braços. — Foi só um minuto, Abi.

O homem que viera por causa do carro olhava para Daisy de forma atenta. Era bom que não fosse algum tarado.

— Aniversariante, hein? — comentou ele, lendo a faixa. — Você tem 10 anos? Sei...

Ele pareceu achar graça por um instante, com uma expressão que Luke não conseguia decifrar. Então ele olhou para os três ali parados. Não era um olhar ameaçador, mas fez Luke passar o braço em volta da irmã menor e trazê-la mais para perto.

— Vou fazer o seguinte — propôs o homem. — Ligo para seu pai outra hora. Aproveite a festa, mocinha. Divirta-se enquanto pode.

Ele assentiu para Daisy, depois se virou e desceu o caminho lentamente.

— Bizarro — afirmou Daisy de um jeito expansivo, então deu um grito de guerra e levou as amigas em uma conga saltitante e animada de volta à parte de trás da casa.

“Bizarro” era o mundo como um todo, pensou Luke. Na verdade, o dia inteiro não tinha parecido muito certo.

As coisas só fizeram sentido à noite, deitado na cama. A venda do carro. O rebuliço com o aniversário de Daisy. A estranha falta de insistência com a revisão de matéria para a prova.

Ao escutar uma conversa sussurrada vindo da cozinha, Luke desceu na ponta dos pés e encontrou os pais e Abi sentados à mesa, verificando documentos. Então ele soube que estava certo.

— Quando planejavam contar para mim e Daisy? — perguntou ele da porta, sentindo uma satisfação horrível pela confusão no rosto dos três. — Pelo menos vocês deixaram a pobrezinha apagar as velas antes da grande revelação: Feliz aniversário, querida. Mamãe e papai têm uma surpresa: eles vão abandoná-los para cumprir seus dias de escravo.

Os três o encararam em silêncio. No tampo da mesa, a mão do pai segurou a da mãe. Solidariedade paterna, nunca um bom sinal.

— Então qual é o plano? Abi vai cuidar de mim e de Daisy? Como ela fará quando estiver na faculdade de medicina?

— Sente-se, Luke.

O pai era um homem tranquilo, mas sua voz estava firme, de um jeito que não era comum. Foi o primeiro sinal de alarme.

Então, ao entrar na cozinha, Luke notou a papelada que Abi reunia apressadamente em uma pilha. Uma pilha suspeitamente grande. A folha mais acima trazia a data de nascimento de Daisy.

A compreensão entrou aos poucos no cérebro de Luke e cravou seu sinal afiado por lá.

— Não são só vocês, é isso? — perguntou ele, em voz baixa. — Somos todos nós. Agora que Daisy fez 10 anos, é legal. Vocês vão nos levar junto. Todos nós cumpriremos nossos dias de escravo.

Ele mal conseguiu pronunciar as três últimas palavras. Aquilo lhe roubou o fôlego.

Em um piscar de olhos, os dias de escravo tinham ido de uma questão idiota de prova à década seguinte da vida de Luke. Arrancado de tudo e de todos que ele conhecia. Mandado à imunda e imperdoável cidade de escravos nos arredores de Manchester, Millmoor.

— Vocês sabem o que dizem por aí. — Luke não tinha certeza se estava repreendendo os pais ou implorando. — “Cumpra seus dias de escravo muito velho, e jamais sobreviverá. Cumpra seus dias de escravo muito jovem, e jamais os esquecerá.” Qual parte não entendem? Ninguém faz isso na minha idade, muito menos na de Daisy.

— Não foi uma decisão que sua mãe e eu tomamos de forma leviana — respondeu o pai, mantendo a voz firme.

— Só queremos o melhor para todos vocês — completou a mãe. — E acreditamos que é isso. Você é muito jovem para dar valor a isso agora, mas a vida é diferente para aqueles que cumpriram seus dias. Traz oportunidades melhores do que seu pai e eu tivemos.

Luke sabia o que ela queria dizer. Não se era um cidadão completo até ter cumprido os dias de escravo, e apenas os considerados cidadãos podiam ter certos empregos, ter uma casa ou viajar para o exterior. Mas empregos e casas estavam inimaginavelmente distantes, e dez anos de servidão em troca de algumas poucas semanas de férias no estrangeiro não pareciam um bom negócio.

A racionalidade dos pais apunhalou Luke, como uma traição. Isso não era algo que os pais pudessem escolher, como cortinas novas para a sala. Era a vida de Luke. Sobre a qual eles tinham tomado uma enorme decisão sem consultá-lo.

Embora, aparentemente, tivessem consultado Abi.

— Como ela tem 18 anos — continuou o pai, seguindo o olhar de Luke —, Abigail está na idade de tomar a própria decisão. E, obviamente, sua mãe e eu estamos muito felizes que ela tenha decidido nos acompanhar. Na verdade, ela fez bem mais que isso.

O pai colocou o braço em volta dos ombros de Abi e apertou de forma orgulhosa. O que a garota maravilha havia feito agora?

— É sério? — perguntou Luke à irmã. — Você foi aceita em três faculdades de medicina e está abrindo mão disso para passar a próxima década repetindo *nin hao* a cada cinco minutos, na central de atendi-

mento do Banco da China de Millmoor? Ou talvez acabe na fábrica de tecidos. Ou no depósito de embalagem de carnes.

— Calma aí, irmãozinho — argumentou Abi. — Eu adiei minhas opções. E não vou para Millmoor. Nenhum de nós vai. Faça o que papai disse: sente-se, e vou explicar.

Ainda furioso, mas desesperado para saber como era possível cumprir seus dias sem ir a Millmoor, Luke obedeceu. E ele ouviu, com uma mistura de admiração e horror, enquanto Abi contava a ele o que fizera.

Era loucura. Era aterrorizante.

Ainda seriam dias de escravo, e, como Luke era menor de idade, não tinha escolha. Seus pais podiam levá-lo aonde quisessem.

Mas, ao menos, não iriam levá-lo àquele buraco do inferno que era Millmoor.

A mãe e o pai contaram a Daisy na manhã seguinte, e ela aceitou as notícias com uma calma que deixou Luke envergonhado. Pela primeira vez, ele se permitiu pensar que talvez o plano dos pais fosse o certo, e que todos passariam bem por aquele período, juntos como uma família.

Alguns dias depois, quando a poeira baixara, ele contou ao melhor amigo, Simon. Si deixou escapar um assobio baixo com a grande revelação.

— Existe esse departamento dentro da Divisão de Alocação de Trabalho chamado Serviços das Propriedades, onde os Iguais buscam seus escravos domésticos — revelou Luke. — Abi fez um requerimento para nós. Estamos sendo mandados ao sul, para Kyneston.

— Até eu já ouvi falar de Kyneston. — Si parecia incrédulo. — São os Jardine. Os bã-bã-bãns. Lorde Jardine é o Chanceler assustador de quando a gente era pequeno. Pra que raios querem vocês?

— Não faço ideia — admitiu Luke.

A papelada detalhava as funções para a mãe, o pai e Abi: respectivamente a enfermeira da propriedade, o mecânico de veículos de

Kyneston e alguma função administrativa. Mas não havia tarefa especificada para Luke ou Daisy, provavelmente porque eram menores de idade, explicou Abi. Talvez não tivessem um trabalho específico e lhes fosse simplesmente solicitado desempenhar tarefas sob demanda.

Luke se pegou imaginando o que essas coisas poderiam ser. Esfregar as privadas de ouro da mansão, talvez? Ou esperar pelos Iguais no jantar, o cabelo penteado, as luvas brancas, servindo ervilhas de uma terrina de prata? Nada disso parecia interessante.

— E Daisy — continuou Si. — Que utilidade os Jardine têm para uma criança tão pequena? Que utilidade eles têm para uma enfermeira, afinal? Achei que os Iguais usassem a própria Habilidade para se curar.

Luke pensou o mesmo, mas Abi, sempre querendo esclarecer e corrigir, argumentou que ninguém sabia realmente o que os Iguais podiam fazer com sua Habilidade, o que tornava particularmente empolgante servir em uma propriedade. Daisy tinha assentido com tanta força ao saber daquilo que fora um milagre a cabeça não ter caído. Luke duvidava que os Iguais conseguissem consertar algo assim.

O verão se arrastou. Em algum momento de meados de julho, Luke desceu as escadas com estrondo e encontrou um agente imobiliário mostrando a casa para possíveis locatários. Logo depois, o corredor se encheu de caixas para que os objetos da família pudessem ser levados ao depósito.

No começo de agosto, ele foi à cidade, com alguns poucos amigos do time de futebol da escola, e contou a notícia não tão feliz assim. As reações foram choque, simpatia e a sugestão de uma despedida no bar onde o barman era conhecido por avaliar mal as idades dos clientes. Mas, enfim, só deram uma volta no parque.

Não fizeram planos para se encontrar de novo.

A doze dias da partida, o sujeito que se interessara pelo carro voltou. Luke assistiu ao pai entregar as chaves, e precisou dar as costas, piscando. Ele não ia começar a chorar por um carro, de todas as coisas.



Mas ele sabia que não lamentava pelo veículo, mas pelo que ele representava. Adeus, aulas de direção no outono. Até logo, independência. Não vou vê-la tão cedo ao longo dos melhores anos de minha vida.

Abi tentou animá-lo, mas, alguns dias depois, foi a vez do garoto ver a silhueta da irmã na entrada da cozinha, a cabeça abaixada e os ombros tremendo. Ela segurava um envelope rasgado. Eram os resultados das provas. Luke esquecera completamente.

De primeira, pensou que Abi não obtivera o resultado esperado. Mas, ao abraçá-la, Abi mostrou a ele a tira estreita de papel. Notas perfeitas, garantindo a entrada em todas as universidades em que se inscrevera. Nesse momento, Luke percebeu do quanto a irmã mais velha abria mão para ir com eles.

Dois dias antes do Dia da Partida, a casa ficou aberta para que os amigos e a família se despedissem, e seus pais deram uma festa para poucos naquela noite. Luke passou o dia atracado ao videogame e aos jogos favoritos, porque, para onde iam, isso também não existiria mais. (Como os escravos se divertem em Kyneston? Jogando charada em volta do piano? Ou talvez não houvesse horário de descanso. Talvez você trabalhasse até cair, aí dormisse, aí levantasse e fizesse tudo de novo, todos os dias, durante uma década.)

Então o dia em si chegou. Lindo e ensolarado, é claro.

Luke se sentou no muro do jardim, observando a família resolver os últimos detalhes. A mãe havia esvaziado a geladeira e andado pela vizinhança, oferecendo as sobras de comida. O pai fora ali perto, deixar uma última caixa de objetos indispensáveis com um amigo que a levaria ao depósito, onde ficaria com o restante das posses da família.

As meninas tomavam sol na grama, Daisy aborrecendo a irmã com perguntas e repetindo as respostas.

— Lorde Whittam Jardine, Lady Thalia, Herdeiro Gavar — tagarelou Daisy. — Jenner. E não consigo me lembrar do último. O nome é muito simples.

— Você está quase lá, porque também começa com “Si” — disse Abi, sorrindo. — É Silyen. Ele é o mais novo, numa idade entre Luke e eu. Não tem nenhum Jardine tão pequeno quanto você. E se pronuncia *Jar-din* e *Kay-neston*, como em “pai”. Eles não querem ouvir nossas vogais nortistas lá no sul.

Daisy revirou os olhos e se jogou de costas na grama. Abi espreguiçou as pernas longas e enfiou a barra da camiseta debaixo do sutiã para pegar um pouco de sol. Luke esperava sinceramente que ela não fizesse isso em Kyneston.

— Vou sentir saudades dessa sua irmã sarada — comentou Si no ouvido de Luke, assustando-o. Luke se virou para olhar o amigo, que viera se despedir. — Fique esperto para que seus amos e senhores não venham com alguma ideia engraçadinha sobre direitos.

— Sei lá — murmurou Luke. — Você viu os livros que ela lê. Talvez eles é que precisem de proteção.

Simon gargalhou. Os dois trocaram um bater de ombros e um tapinha nas costas meio esquisitos, mas Luke continuou sentado no muro, com Si de pé na calçada.

— Ouvi dizer que as garotas Iguais são umas gatas — comentou ele, cutucando Luke com o cotovelo.

— Ficou sabendo de fonte segura, é?

— Ei, pelo menos você vai ver umas garotas. Meu tio Jim conta que todos os locais de trabalho em Millmoor empregam apenas um dos sexos, então as únicas mulheres em sua convivência são as da própria família. É um belo lixo, aquele lugar.

Si cuspiu expressivamente.

— O Jimmy voltou de lá faz algumas semanas. Ainda não contamos a ninguém, porque ele não sai de casa e não recebe visitas. Ele está destruído. Quero dizer, literalmente. Ele sofreu um acidente, e agora seu braço...

Simon levantou um dos cotovelos dobrado e deixou o punho pender. O efeito foi ridículo, mas Luke não sentiu vontade de rir.

— Foi atingido por uma empilhadeira ou algo assim. Ele não falou muito a respeito. Na verdade, ele mal fala. É o irmão mais novo de meu pai, mas parece dez anos mais velho. Enfim... Ficarei longe de Millmoor enquanto puder; você se deu bem.

Si olhava para um lado e para o outro da rua. Olhava para qualquer lugar, menos para Luke.

Luke percebeu que o melhor amigo não tinha mais nada a dizer. Durante doze anos, os dois fizeram tudo juntos; praticaram esportes, pregaram peças e copiaram o dever de casa um do outro desde a primeira semana da escola primária. E aquilo acabava ali.

— Não vá pensando que esses Iguais são gente como a gente — aconselhou Si, em um último esforço de conversa. — Eles não são. Eles são bizarros. Ainda me lembro de nossa viagem para aquele parlamento, aquela Casa de Luz. O guia martelando sobre como era uma obra-prima, toda construída por Habilidade, mas aquilo me deu arrepios. Você se lembra daquelas janelas? Não sei o que rolava lá dentro, mas não se parecia com o conceito de “dentro” de qualquer lugar que eu já tivesse visto. Bem, se cuide, ok? E de sua irmã também.

Si deu uma piscada hesitante para Abi, e Luke se encolheu. O amigo era totalmente incorrigível.

Luke não o veria por uma década inteira.

Abi nunca mais ouviria as insinuações de Si porque, provavelmente, o garoto estaria casado e com filhos quando eles voltassem a Manchester. Teria um emprego. Novos amigos. Si deixaria sua marca no mundo. Tudo o que formava o universo de Luke naquele momento teria acabado, avançado dez anos em alta velocidade, enquanto o próprio Luke teria ficado parado.

A injustiça daquilo o deixou súbita e violentamente furioso, e Luke bateu tão forte com a mão na parede que esfolou a palma. Quando ele gritou, Si enfim olhou para ele, e Luke viu pena nos olhos do amigo.

— Tá certo então — emendou Si. — Vou indo. Tenha uns dez anos rápidos.

Luke o observou ir embora, a última parte de sua antiga vida, virando a esquina e saindo de vista.

Depois, como não havia mais nada a fazer, foi se juntar às irmãs, se espreguiçando no gramado ao sol. Daisy recostou o corpo contra o seu, a cabeça descansando pesadamente nas costelas do irmão enquanto ele puxava e soltava o ar. Luke fechou os olhos e escutou o barulho da televisão do outro lado da casa; o ronco do tráfego da rua principal; o canto dos pássaros; a mãe dizendo ao pai que não tinha certeza se preparara sanduíches o suficiente para o trajeto de cinco horas até Kyneston.

Algo pequeno rastejou da grama até seu pescoço. Luke esmagou o que quer que fosse, e se perguntou se poderia dormir pelos dez anos seguintes, como alguém em um conto de fadas, até acordar e descobrir que já pagara seus dias.

E, então, ouviu a voz do pai, intrometida, e a mãe dizendo:

— Levantem-se, crianças. Está na hora.

Os Jardine não enviaram um Rolls Royce com motorista, é claro. Apenas um velho sedã prateado comum. O pai mostrava a papelada à motorista, uma mulher com um suéter onde se lia “DAT”, as iniciais da Divisão de Alocação de Trabalho.

— Vocês são cinco? — perguntava a senhora, franzindo a testa para os documentos. — Só tenho quatro nomes aqui.

A mãe deu um passo à frente, exibindo sua expressão mais tranquilizadora.

— Bem, nossa mais nova, Daisy, ainda não completara 10 anos quando preenchemos a papelada, mas agora ela tem, o que provavelmente...

— Daisy? Não, não. O nome dela está aqui. — A mulher leu a primeira folha da prancheta. — HADLEY, Steven, Jacqueline, Abigail e Daisy. Recolhimento: 11 da manhã, no número 28 da Hawthornden Road, Manchester. Destino: Propriedade de Kyneston, Hampshire.

— O quê?

A mãe agarrou a prancheta, com Abi se esticando sobre seu ombro para olhar.

Ansiedade e um tipo louco de esperança entrelaçaram seus dedos nas entranhas de Luke e puxaram em direções opostas. A papelada fora malfeita. Ele recebeu uma suspensão temporária. Talvez nem precisasse cumprir seus dias.

Outro veículo entrou na rua, uma minivan preta, exibindo uma insígnia no capô. Todos conheciam aquele símbolo e as palavras que o adornavam: “*Labore et honore*”. O lema da cidade de Millmoor.

— Ah, meus colegas chegaram — declarou a mulher, visivelmente aliviada. — Tenho certeza de que eles vão poder esclarecer.

— Olhe — sibilou Abi, apontando algo nos papéis.

A van estacionou na frente da casa, e um homem atarracado, com o cabelo raspado quase na máquina zero, desceu. Ele não vestia o uniforme da DAT, mas algo mais próximo de uma farda de polícia. Em seu cinto de utilidades, havia um cassetete pendurado que batia contra a perna enquanto ele andava.

— Luke Hadley? — indagou ele, parando em frente a Luke. — Imagino que seja você, meu filho. Pegue sua mala, temos outros quatro para buscar.

— O que significa isso? — perguntou Abi, empurrando a prancheta embaixo do rosto da mulher da DAT.

Várias folhas estavam dobradas para trás, e Luke reconheceu o próprio rosto na foto agora mais acima. A página estava riscada com uma linha vermelha grossa, com duas palavras carimbadas.

— O que significa? — A mulher riu nervosamente. — Bem, “Excedente: realocado” se explica sozinho, certo? A Propriedade de Kyneston não encontrou nenhuma atividade útil para seu irmão, então a ficha foi devolvida para realocação. Na condição de homem sozinho não qualificado, na verdade só há uma opção.

A ansiedade vencera o cabo de guerra e puxava as entranhas de Luke para fora, pedacinho por pedacinho, ajudada pelo medo.

Ele não era necessário em Kyneston. Eles o estavam levando para Millmoor.

— Não — argumentou ele, recuando. — Não, houve um erro. Nós somos uma família.

O pai se colocou de forma protetora na frente do menino.

— Meu filho vai conosco.

— A papelada diz outra coisa — declarou a mulher da DAT.

— Dane-se a papelada — retrucou a mãe, de modo ríspido.

E, então, tudo aconteceu horrivelmente rápido. Quando o sujeito de uniforme passou ao lado do pai de Luke em direção ao menino, o homem lhe acertou um soco no maxilar; o sujeito xingou e se desequilibrou, as mãos já procurando algo no cinto.

Todos viram o cassetete descer, e Daisy gritou. O bastão golpeou o pai na lateral da cabeça e o fez cair de joelhos na entrada da garagem, gemendo. Sangue escorria da testa, deixando vermelha a pequena faixa onde o cabelo ficava grisalho. Atônita, a mãe se ajoelhou ao lado do marido, verificando o machucado.

— Seu animal! — berrou ela. — Um golpe cego pode matar se o cérebro inchar.

Daisy irrompeu em lágrimas. Luke a envolveu nos braços, apertando o rosto da irmã na lateral do corpo, e a segurou firme.

— Vou dar parte do senhor — ameaçou Abi, apontando um dedo para o homem de Millmoor. Ela deu uma olhada no nome gravado no uniforme. — Quem o senhor pensa que é, Sr. Kessler? Não pode simplesmente agredir as pessoas.

— Você está bem certa, mocinha. — Os lábios de Kessler se re-puxaram em um largo sorriso malicioso e cheio de dentes. — Mas temo que às 11h — ele verificou o relógio ostensivamente, virando o punho para que todos pudessem ver o mostrador, que marcava 11h07 — todos iniciaram seus dias de escravo e entraram em um estado legal de não individualidade. Neste exato momento, vocês são bens do estado. Para explicar à pequenininha aqui — emendou ele, olhando

para Daisy —, isso significa que vocês não são mais “pessoas” e não têm mais absolutamente nenhum direito. *Absolutamente. Nenhum.*

Abi engasgou, e a mãe soltou um gemido baixo, apertando a mão contra a boca.

— Sim — continuou o homem, com seu sorriso fino. — As pessoas não costumam pensar nisso quando organizam as coisas. Particularmente não quando se acham algo especial, boas demais para serem escravas assim como o resto de nós. Então, vocês têm uma escolha.

Sua mão foi até o cinto e soltou algo. Parecia uma arma desenhada por uma criança: quadrada e intimidadora.

— Isto aqui dispara 50 mil volts e pode incapacitar cada um de vocês. Depois, é só carregá-los até o carro junto de suas malas. Vocês quatro ali, e você — ele apontou para Luke, depois para a van — ali. Ou todos podem simplesmente entrar nos veículos corretos. Simples assim.

Dava para recorrer nesses tipos de situações, não dava?

Abi tinha conseguido que todos fossem para Kyneston. Ela conseguiria tirá-lo de Millmoor. É claro que sim. Ela venceria a divisão de trabalho pelo cansaço só com a força da papelada.

Luke não podia deixar mais ninguém da família se machucar.

Ele afrouxou os braços ao redor de Daisy e lhe deu um empurrão delicado.

— Luke, não! — gritou a irmãzinha, tentando se agarrar a ele com mais força.

— Vamos fazer o seguinte, pequena Daisy — explicou Luke, se ajoelhando e enxugando as lágrimas no rosto da menina. — Vou para Millmoor. Vocês, para Kyneston, onde serão tão super-especiais-incríveis que, quando contarem a eles do irmão maravilhoso deixado para trás, eles mandarão o jatinho particular para me buscar. Entendeu?

Daisy parecia muito traumatizada para falar, mas assentiu.

— Mãe, pai, não se preocupem. — O pai fez um barulho de engasgo, e a mãe irrompeu em soluços altos enquanto ele abraçava os dois. — Será temporário.

Ele não podia fingir por muito mais tempo. Se não entrasse rápido na van, perderia totalmente o controle. Ele se sentia vazio por dentro, apenas um terror negro e amargo no fundo do estômago.

— Logo vou ver a todos — afirmou ele, com uma confiança que não sentia.

Então pegou a mochila e se virou na direção da minivan.

— E não é que você é um heroizinho — zombou Kessler, abrindo com estrondo a lateral do veículo. — Estou aqui chorando. Entre, Hadley E-1031, e vamos indo.

O bastão atingiu Luke com força entre as omoplatas, e o menino se estatelou para a frente. Ele teve a presença de espírito de puxar os pés antes da porta ser batida, depois foi jogado contra as pernas do banco quando a van partiu.

De cara no chão imundo do veículo, apertado contra botas fedorentas de desconhecidos, Luke não via como algo podia ser mais horrendo que o que acabara de acontecer.

Millmoor provaria que estava errado.